

A PERSPECTIVA DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO DO ENSINO MÉDIO SOBRE A ÉTICA DA ALTERIDADE

*THE PERSPECTIVE OF PERNAMBUCO'S HIGH SCHOOL CURRICULUM ON THE
ETHICS OF OTHERNESS*

Germano Alves Cavalcante¹
João Batista Farias Júnior²
Eduardo Barbosa Vergolino³

RESUMO: O trabalho é uma análise bibliográfica sobre a perspectiva da ética da alteridade do Currículo de Pernambuco do Ensino Médio. Apresenta-se como objetivo abordar a perspectiva curricular de Pernambuco sobre a ética da alteridade para o ensino de filosofia em turmas do ensino médio da rede pública. A metodologia inicia com uma análise introdutória sobre a aprovação do novo ensino médio de Pernambuco a partir do Conselho Estadual de Educação (2021); o conceito de alteridade e circunstâncias e paradigmas que se referem a essa presente nas reflexões e filosofia de Emanuel Lévinas (1997); o Currículo de Pernambuco do Ensino Médio com as competências entrelaçadas com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e as competências para as Ciências Humanas, além das proposições para o ensino filosofia no que tange os conteúdos, as expectativas e habilidades de aprendizagens; entre outros autores como Miranda (2008) que faz uma relação entre a alteridade e a educação e Zanon (2020) com a ética da alteridade para uma formação responsável.

PALAVRAS-CHAVE: Ética da alteridade. Ensino de Filosofia. Currículo de Pernambuco.

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí; Mestrando em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural. Email: germano.alves@aluno.ifsertao-pe.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1748-3136>.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás; professor de Filosofia do Instituto Federal do Piauí. Licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural. Email: joaobfariasjunior@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2924-5656>.

³ Doutor em Indigenous Studies na University of Manitoba - Canadá (2022). Licenciado (2006) e Bacharel (2012) em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2009). Professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano Campus Floresta. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural. Email: eduardo.vergolino@ifsertao-pe.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7928-0831>.

ABSTRACT: The paper is a bibliographic analysis about the perspective of ethics of alterity in Pernambuco's High School Curriculum. Its objective is to approach the Pernambuco's curricular perspective about the ethics of alterity for the teaching of philosophy in public high school classes. The methodology begins with an introductory analysis about the approval of the new high school in Pernambuco from the State Education Council (2021); the concept of alterity and circumstances and paradigms that refer to it present in Emanuel Lévinas' (1997) reflections and philosophy; The Pernambuco High School Curriculum with the competencies intertwined with the National Curriculum Guidelines for High School and the competencies for Human Sciences, besides the propositions for the philosophy teaching regarding the learning contents, expectations, and abilities; among other authors such as Miranda (2008) who makes a relation between otherness and education, and Zanon (2020) with the ethics of otherness for a responsible education.

KEYWORDS: Ethics of alterity. Philosophy teaching. Pernambuco's Curriculum.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O currículo de Pernambuco do Ensino Médio, formulado em 2020 e implementado nas escolas do estado em 2021, apresenta alguns assuntos pertinentes que levam os jovens a refletirem de forma crítica, mas também a aperfeiçoarem suas formas de compreender o mundo, o outro e como agir. Nessa perspectiva, aborda a ética e a responsabilidade, ética, que é pensada na relação com o outro; como alteridade⁴.

Objetiva-se com o trabalho analisar a ética da alteridade presente no Currículo de Pernambuco como requisito de conteúdo a ser trabalhado, bem como reflexão para a formação de um sujeito esperado pela proposta. Para isso, fundamenta-se nas propostas de Emmanuel Lévinas (1997) quando a presente ao centro de sua filosofia a proposta de uma filosofia primeira como a ética, ética essa como alteridade.

⁴ “Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 2007, p.34)

Nascido em Lituânia, a filosofia de Lévinas se centra na alteridade que a traz como conceito e consequência presente na existência da ética. O autor reflete que a justificativa da ética como estudo e reflexão só é possível porque existe alteridade, existe outro ser para além do próprio “eu”. Aponta Lévinas sobre a ideia do outro, quem é esse outro e a relação entre a ideia de “nós” e tudo isso implica em questões morais, éticas, de colaboração, de valores, de identidade, de autoafirmação.

Essa identidade é possível quando se pensa no sujeito de interrelações, o “eu” que é interpelado pelo agir do outro e de vários outros. A autonomia do sujeito está vinculada aos pressupostos dos vários outros, o outro que o olha, pede uma ação sobre ele, uma prática comum seja de atenção, cuidado, enfim, em como agir será a resposta para com esse outro; o fato é que o outro interpela o “eu” e age sobre ele a partir do olhar induzindo-o a uma prática que seja ela correspondente e que tenha o fim de uma ação para o outro ou para os vários outros.

Por metodologia, toma-se uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório explicativa sobre o Currículo de Pernambuco do Ensino Médio elaborado entre os anos de 2019 à 2020 e implementado nas escolas do Estado a partir de 2020. Faz-se-á uma investigação a partir da ótica da alteridade, buscando sua contemplação ou entrelaçamentos sobre a alteridade como ética e conceitos ou termos que diretamente se relacionam à temática.

Qual a perspectiva do currículo de Pernambuco sobre a ética da alteridade? Cogita-se que, estando embasado sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular que tratam de um sujeito integral, possa o currículo tratar antes das questões de diversidades; abordar e refletir sobre a influência do indivíduo sobre o outro e desse para com o primeiro, a começar por suas interpretações, impressões, sentimentos e ações sobre ele.

Sabe-se que a escola é o espaço que favorece a interação entre os sujeitos e a realização de ações que dizem respeito aos contextos sociais, não só do ponto de vista teórico, mas também quanto à produção de atividades situadas em situações-problemas que “necessitam ser criadas, inovadas e devem ter relação com o cotidiano do educando, para que assim possam ser desenvolvidas novas habilidades e competências” (SILVA; FELICETTI apud PERNAMBUCO, 2021, p.22).

Nessa perspectiva, o Currículo de Pernambuco aponta, incentiva e propõe que as práticas pedagógicas direcionem a promoção de um sujeito capaz de cidadania, de vida profissional e

humana, e ainda, de ser o aluno um protagonista na construção de uma sociedade democrática, ética, igualitária e justa.

1. ENTRE OS PARÂMETROS CURRICULARES E ALTERIDADE

No ano de 2013, através da Secretaria de Educação de Pernambuco, foi apresentado um documento de embasamento teórico para a elaboração dos currículos escolares do ensino médio, trata-se dos *Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de Filosofia e Sociologia – Ensino Médio (2013)*, foi uma construção coletiva de professores tanto da rede estadual e municipal, como de universidades públicas, e o Centro de Políticas Públicas e Avaliação.

O documento serve de contributo teórico para auxiliar tanto o planejamento didático e pedagógico do currículo, como para o planejamento do docente, em particular, para o professor de Filosofia. Viabiliza a importância e necessidade da filosofia como uma disciplina a “(...) pensar o mundo cotidiano, (...) dialogar tempos e espaços” (PERNAMBUCO, 2013, p. 17). É também esse o documento que descreve com mais precisão o problema da alteridade e servirá de suporte para a elaboração do Currículo de Pernambuco no que tange à alteridade como um conteúdo a ser estudado.

A questão da alteridade é fundamentação para a elaboração do Currículo. Logo na introdução os Parâmetros Curriculares já abordam sobre “O reconhecimento do outro e do eu (...)” (PERNAMBUCO, 2013, p. 17). A filosofia é pensada como uma disciplina que auxilia a construção da criticidade, bem como o reconhecimento de si no mundo e do outro como em sua singularidade, identidade, cultura e diversidade.

Para tematizar a alteridade, os Parâmetros Curriculares de Filosofia e Sociologia do Ensino Médio (2013), começam preparando a problematização histórico-filosófica que será desencadeado nas críticas e proposições do filósofo Emmanuel Lévinas. Inicia-se abordando as transformações que se dão na história da filosofia, no pensamento filosófico e na sociedade da Grécia Antiga a partir do filósofo Sócrates, marca a fronteira de uma filosofia que “(...) pautava-se no Ser. Era importante para o indivíduo em sociedade. Ser alguém, ser reconhecido por si e não por algo além” (PERNAMBUCO, 2013, p.17-18).

De acordo com os Parâmetros, essa prefiguração da filosofia orientada e refletida sobre o Ser, passa por modificações. Os Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de Filosofia e Sociologia – Ensino Médio (2013), discorre sobre uma

mudança nesse cenário de reflexão e transformação sobre as relações interpessoais, de trabalho, a preocupação sai da causalidade e finalidade no Ser para o Ter, isso a partir das consequências trazidas pela Revolução Industrial.

O ser humano sofre interferência e é transformado pelas relações que são manifestas. Ao passo que tanto as transformações se dão no ambiente de trabalho e consumo, relações humanas e de forma de pensar, também os meios pelos quais os indivíduos utilizam como tecnologia para facilitar a própria vida são modificados; basta refletir, sobre a presente do computador e internet, por exemplo, têm trazido novas facilidades, mas problematizações que impactam a ética; “As tecnologias aproximam as pessoas, reafirmam ou reatam laços, agilizam o processo comunicacional e tornam todo o globo presente, ao toque de um mouse” (PERNAMBUCO, 2013, p. 18).

Ainda sobre essa passagem da filosofia do Ser às novas construções de pensamento e modelo de sociedade, Emmanuel Lévinas começa seu livro com uma crítica a essa ontologia. Na primeira parte de seu livro *Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade* (1997), Emmanuel Lévinas começa fazendo um questionamento que na verdade é um desenrolar de uma crítica ao perguntar “A ontologia é fundamental?” (LÉVINAS, 1997, p.23). Existe uma tendência a partir dessa herança filosófica de querer justificar as coisas, explicar e tudo sobre uma ótima inteligível, sendo que, aquilo que exceder à explicação objetiva e redutível, pode ser considerado desnecessário e isso é uma tendência de “(...) é, ao que parece, edificar um saber fundamental, sem o qual todo conhecimento filosófico, científico ou vulgar permanece ingênuo” (LÉVINAS, 1997, p.23).

Hutchens comentador de Lévinas, em seu livro *Compreender Lévinas* (2009), apresenta de uma forma parcial as suas ideias. Hutchens apresenta Lévinas como sendo o filósofo que nem sempre será fácil compreender, mas ao se tratar da crítica à ontologia, uma herança desde o período clássico, “Ele era um visionário de sensibilidade incomparável que passou quase um século tentando reformular os estratos subterrâneos do pensamento ocidental. Em certo sentido ele achava que a violência filosófica começa com o poder da mente de tornar a experiência inteligível” (HUTCHENS, 2009, p. 11).

Enfatiza ainda Hutchens sobre a desconstrução da filosofia primeira como ética que a antecede, menciona ele sobre o filósofo da alteridade,

Para compreender verdadeiramente as implicações grandiosas de sua visão, precisaríamos trabalhar para uma renovação da arquitetura das teorias éticas, dando ênfase à responsabilidade mais que à liberdade, à bondade mais que à verdade, à transcendência mais que à imanência ou, de forma mais ampla, à ética mais que à filosofia (HUTCHENS, 2009, p. 18).

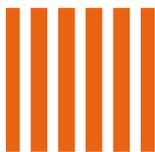
Aqui se fazem proposições às discussões em sala de aula e que afetam o cotidiano no tempo e no espaço, bem como são realidades que dizem respeito à ética. Conforme as mudanças vão surgindo sob a prerrogativa de globalização e acessibilidade, “(...) reside a superficialidade, na qual se afogam os valores” (PERNAMBUCO, 2013, p. 18). Valores podem ser perdidos e a própria filosofia se perde enquanto busca de sentido, o que não mais pode ser encontrada em termos de identidade. Segundo os Parâmetros, “(...) é com eles que se orientarão os atores do processo. No desenvolvimento dialógico” (PERNAMBUCO, 2013, p. 19).

Esse desenvolvimento dialógico se dá na sala de aula. As salas de aulas de filosofia são os espaços de diálogo, construção da criticidade e protagonismo do discente no que diz respeito o reconhecimento e problematização da ética, dos valores que os alunos possam trazer como seus e que são involuntária e naturalmente apresentados na sala de aula; e para isso são concebidos “(...) dois lados da conversa, os atores têm que reconhecer valores que implicam, no primeiro passo, o reconhecimento do outro. Quem é o outro e para que serve o outro na sociedade?” (PERNAMBUCO, 2013, p. 19).

Lévinas faz quatro afirmações que são provocativas sobre a relação do “eu” com o outro. Segundo Hutchens,

“1) A relação entre o eu e uma outra pessoa é o contexto básico em que os problemas éticos devem ser examinados. 2) A responsabilidade do eu pelo outros é mais básica (‘pré-origiária’) que sua liberdade e vontade. 3) O Bem a que é dirigida a responsabilidade pela outra pessoa tem prioridade sobre a Verdade que o eu livremente decide buscar. 4) Uma ética da responsabilidade, e não a ‘ontologia’ da liberdade, deve ser a ‘primeira filosofia’ que inspira o resto da investigação filosófica” (LÉVINAS apud HUTCHENS, 2009, p. 18-19).

Os Parâmetros Curriculares refletem sobre o desafio de reconhecimento do outro frente às insurgências em uma sociedade competitiva. A evolução tecnológica e social trouxe contribuições, mas também promoveram relações mais individualizadas, de acordo com os Parâmetros, “Na sociedade veloz e tecnológica, por mais que os caminhos aproximem pessoas, elas se individualizam muito, pois cada um quer mostrar-se superior nas redes sociais (...)” (PERNAMBUCO, 2013, p. 19). Há que se enfatizar com isso que, “Fora da internet, os instintos de superação são cada vez mais exacerbados, a competitividade atinge até mesmo o campo sexual e a realidade torna-se estatística, traduzida em números, quantidades” (PERNAMBUCO, 2013, p. 19)



Isso traz como desafio para a sala de aula e como necessidade a fala sobre valores e sobre o outro.

Esse Eu grandiloquente que cresce em sociedade precisa aprender a ver o Outro com alguma importância, a valorizar o Outro como alguém a acrescentar e não como um concorrente a vencer. Nesse ponto, nos primeiros momentos do ensino da Filosofia na educação básica, é importante ter a oportunidade de encontrar no outro uma boa companhia, um caminho para lições instigantes e uma abertura para a sensibilidade. Os personagens precisam olhar-se nos olhos para um bom diálogo e esse primeiro momento apresenta-se como um bom palco para a discussão da Alteridade (...) (PERNAMBUCO, 2013, p. 20).

A sala de aula também é um espaço de reconstrução de valores. Considerando os desafios de uma sociedade globalizada, faz-se necessária uma desconstrução de conceitos que em vez de viabilizarem valores construtivos ao ideal de sociedade igualitária e democrática, acentuam uma sociedade da disputa, egocêntrica e separatista, vendo o outro não como algo ou alguém a ser conhecido, mas o desigual, inferior, perigoso, esquisito e qualquer nomenclatura que se possa utilizar. E sobre isso acentua Emmanuel Lévinas trazendo adjetivos que por vezes são direcionados ao outro como o tirano,

O Outro, a Exterioridade não significam necessariamente tirania e violência. Uma exterioridade sem violência é a exterioridade do discurso. O absoluto que sustenta a justiça é o absoluto do interlocutor. Seu modo de ser e de se manifestar consistem em voltar sua face para mim, em ser rosto. Eis porque o absoluto é pessoa (LÉVINAS, 1997, p. 47)

Os Parâmetros ainda firmam a alteridade como um dos eixos que versam entre as filosofias e discussões. Os Parâmetros Curriculares para a Educação Básica do Estado de Pernambuco (2013), documento que serve de base para a elaboração do novo Currículo de Pernambuco que orienta a intervenção a prática na sala de aula, apresenta eixos estruturantes que são temas presentes na filosofia que podem ser estudados e debatidos durante os semestres letivos, linguagem filosófica; ética: identidade e alteridade; relações sociais e cidadania; ciência, tecnologia e sustentabilidade; natureza, arte e ação humana. Apontam os Parâmetros que,

Os conceitos de identidade e alteridade, numa dimensão ética, possuem a lente dos valores, através da qual a sociedade pode ser investigada e o respeito pelo outro, fundamentado. É indispensável o tratamento da diferença como fator positivo na constituição social e cultural, presente desde muito tempo e atuante na construção da sociedade contemporânea. Questões culturais incitam debates a serem conduzidos construtivamente, voltando a atenção do estudante para a importância do outro, sem o qual não haveria troca (PERNAMBUCO, 2013, p. 26).



A reconstrução de uma sociedade que desconstrua tais compreensões, o novo Currículo de Pernambuco (2021), apresenta ainda a importância de áreas como as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para a vida dos estudantes, justificando que “a construção de uma sociedade mais justa e tolerante tem relação direta com a formação de cidadãos mais solidários, identificados com sua sociedade e conscientes de sua responsabilidade na realização das mudanças” (PERNAMBUCO, 2021, p.246).

Os livros didáticos trabalhados pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas já estão seguindo essas direções, em diálogo com os novos documentos, o que é perceptível em obras do componente Filosofia. Livros das editoras Multiversos e Ática, mais escolhidos entre as escolas da região do Submédio São Francisco, seguem as temáticas em diálogos entre a ética, da alteridade e da responsabilidade.

O livro “Ciências Humanas: Populações, Territórios e Fronteiras”, de Alfredo Boulo, Edilson Adão e Laércio Furquim (2020), trazem como temática principal e na primeira unidade a questão da alteridade. Iniciam o capítulo com o tema “O encontro com a diferença” e seguem uma abordagem sobre a alteridade, as diferenças, as contribuições da antropologia e ciência e o multiculturalismo. Cláudio Vicentino, Eduardo Campos e Eustáquio de Sene, no livro “Diálogos em Ciências Humanas” (2020), além de já apresentarem as competências da BNCC que são contempladas, trazem as competências específicas para as Ciências Humanas. São livros que trabalham a ótica da cidadania em relação à democracia, a cidadania ambiental, como construção e no trabalho.

As temáticas se aproximam da realidade dos alunos e tanto se referem às áreas já estabelecidas na formação básica como nos itinerários formativos. Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, as competências, os conteúdos e habilidades estão divididos em unidades temáticas, como Espaço, Territórios e Fronteiras; Ética, Democracia e Política; Sociedade, Natureza e Cultura; Ciência, Tecnologia e Conhecimento; Mercado, Consumo e Trabalho e Cidadania e Protagonismo dos Direitos Humanos.

Uma sociedade com sujeitos éticos, conscientes do agir e como agir para com o outro, depende muito de uma educação que o forme, oriente, conduza e o conscientize;

A construção de uma sociedade mais justa e tolerante tem relação direta com a formação de cidadãos mais solidários, identificados com sua sociedade e conscientes de sua responsabilidade na realização das mudanças que lhes pareçam necessárias para a concretização de um espaço público de respeito e dignidade humana no qual as diferenças sejam reconhecidas e acolhidas (PERNAMBUCO, 2021, p. 287).

De acordo com Hutchens, existem três formas de responsabilidade que a ética de Lévinas propõe. Pode-se ainda fazer um elo dessas ideias aplicadas ao contexto da sala de aula no ideal de uma sociedade igualitária, que assegura o respeito e a dignidade humana, sociedade de cidadãos solidários. Dessa forma é que se pensam em três significados para fundamentar tanto a necessidade da prática do “eu” para com o outro, como sua responsabilidade como promoção de uma sociedade mais igualitária, democrática, dialógica e coletiva.

O primeiro significado diz respeito a ser irrecusável o compromisso do sujeito para com o outro de quem se pensa e fala, o segundo aponta para uma direção coletiva e o sentimento de pertença ao todo e o terceiro significa a posição de se colocar ante e no lugar do outro e pensar que nessa responsabilidade não é o eu que determina e tem efeito sobre o outro, mas esse que tem no primeiro.

Há três significados interligados presentes no significado de ‘responsabilidade’. Eles são: 1) ‘responsabilidade’ como uma reação ao outro de uma forma indeclinável; 2) ‘responsabilidade’ como uma reação a partir de nós mesmos à outra pessoa e sua exigência; 3) ‘responsabilidade’ como uma reação para o outro no sentido de nos substituímos pela outra pessoa em suas responsabilidades (LÉVINAS apud HUTCHENS, 2009, p.35).

O Currículo de Pernambuco apresenta as competências específicas para as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e entre elas aponta aquelas que estão direcionadas para as práticas de autonomia, responsabilidade, inclusão, combate à injustiça ou violência; enfim, realidades que sempre pressupõem um ou vários outros no agir e na convivência, traz-se como competências

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. 6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (PERNAMBUCO, 2021, p. 299).

Para poderem ser sujeitos de posicionamento crítico e de ações positivas, combatendo quaisquer paradigmas de preconceito, discriminação ou violência, os alunos precisam compreender tanto as causas, a construção ideológica desses paradigmas, posicionarem-se criticamente e assim

aperfeiçoarem o entendimento sobre os efeitos de tais práticas, bem como a forma de reagir perante tais situações.

As ações humanas, que são objetos de estudo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, não podem ser explicadas pelo olhar objetivo e evidente, “(...) somente pela interpretação e compreensão que pode ser explicado e reconstruído dada sua manifestação notadamente subjetiva (PERNAMBUCO, 2021, p. 288). Isso talvez seja um ponto de relevância à importância das Ciências Humanas, especificamente, a Filosofia.

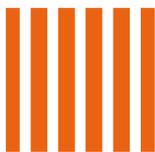
É importante saber que a educação escolar tem um papel, além do próprio ensino didático, de acompanhar as mudanças técnicas, tecnológicas e culturais que vão acontecendo na sociedade. Entretanto, a escola e a educação têm um papel em destaque, especialmente no Ensino Médio, “(...) é desenvolver no estudante a postura crítica, elemento principal do protagonismo juvenil, objetivo último desta etapa de ensino (PERNAMBUCO, 2021, p. 290). Assim, é imprescindível que áreas como filosofia instiguem os jovens a refletirem e agirem de forma crítica.

2. O ENSINO DE FILOSOFIA NO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO

A filosofia desde a configuração da sua natureza e existência como método racional, lógico e investigativo; identifica-se como a busca constante dos “porquês”. Em suas diversas áreas a que se interessa, a filosofia desde sempre fez perguntas e essas impactam a vida, existência e relações que se estabelecem entre o homem e Deus, o homem e a natureza, o homem e o que produz e etc. Tudo aquilo que perpassa a vida humana e suas relações, sejam relativas à natureza ou aos outros seres, faz-se interesse da filosofia e seu método de pesquisa e investigação, ela “(...) tem como principal objeto de estudo a condição da existência humana, através da compreensão de uma visão de mundo, crítica e situada, e do homem em suas interações com o mundo (...)” (PERNAMBUCO, 2021, p. 291).

Tanto a Filosofia como outros componentes curriculares, concordam com o homem quando pensado em um sujeito afetado pelo meio, que pode ser produto desse ou produtor; afetar ou ser afetado. Vale frisar que, como aponta o Currículo de Pernambuco (2021), sem é negada ao sujeito a capacidade de raciocínio e reflexão crítica, a tendência será ser um reprodutor do sistema vigente, dos preconceitos e de tudo aquilo que o possa induzir a pensar ou fazer.

São competências próprias da Educação Filosófica,



(...) (1) Compreensão da Condição Humana (que se refere ao sentimento de existir do homem no mundo; a origem de possibilidade de toda pergunta, particularmente a pergunta pelo Ser, pelo seu modo de Ser ou a sua situação, marcada pela finitude); (2) Problematização da Racionalidade Teórica (que se refere ao problema do conhecimento, suas formas e possibilidades, sobre as incertezas e limites da racionalidade humana); (3) Articulação da Racionalidade Prática, Comunicativa e Emancipatória (que se refere ao aprendizado e saberes éticos e políticos que remetem à sobrevivência do homem, condição de existência da pessoa e da vida cidadã) (PERNAMBUCO, 2021, p. 291).

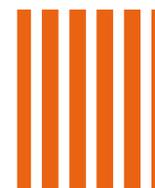
Essas competências são articuladas entre as proposições da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio. São nortes para auxiliar o entendimento do fazer filosófico no Ensino Médio, quais passos seguir? O que ou como compreender, explorar, investigar, problematizar? E são temáticas que servem de objetos para a própria disciplina.

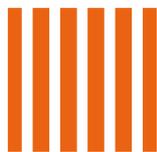
Propõe-se ainda que seja ela implementada na sala de aula não como disciplina fechada, meramente teórico-cognitiva para aquisição de aprendizagem, mas troca de saberes e problematização da realidade como fundamentais para a aprendizagem. Para isso, é preciso mudanças na compreensão do próprio significado de sala de aula e a atuação didático-metodológica,

Em primeiro lugar, deixando de ser um local onde os alunos vão apenas ouvir o professor, para se transformar num espaço de compartilhamento de saberes, em que as formas de produção do conhecimento e a pesquisa se tornarão os principais referenciais para a prática pedagógica (PERNAMBUCO, 2021, p.292).

Os alunos não são meros ouvintes receptivos, mas indivíduos que agem, interagem, têm saberes e experiências e, principalmente, refletem. Pretende-se dizer com isso que são eles aqueles que transformarão não só suas vidas, mas a sociedade. É por isso que a sala de aula precisa ser um espaço convidativo e transformador ao deixar de ser um espaço de mero repasse de conceitos e conteúdos para que ela seja um espaço de vivências, reflexões possíveis e saberes trazidos pelos próprios discentes.

Vale enfatizar que a Filosofia não é de grupo privilegiado, mas ao acesso de todos pelo diálogo, a Filosofia não é dos filósofos reconhecidos pela sua história, mas em sua essência, é de todos aqueles que põem a filosofar. A sala de aula é esse espaço em que se rompe essa imagem e que seja ela acessível aos que se fazem presentes no exercício da reflexão sobre as circunstâncias da vida e questões existenciais, sobre as teorias formadas sobre um ou mais filósofos que hoje possam consistir ou não na prática e com a capacidade de discordância e contextualização da problemática. E assim se vai construindo esse caminho e aprendizagem filosófica.





Ela se constrói no diálogo. Ensinar filosofia significa tirá-la do mundo privado e exclusivo de uns poucos, para expô-la aos olhos de todos, na construção coletiva de um espaço público de dialogantes. Filosofia não é uma questão privada, ela se constrói no diálogo. Ensinar significa retirar a Filosofia do mundo privado e exclusivo de uns poucos para colocá-la aos olhos de todos, na construção coletiva de um espaço público (PERNAMBUCO, 2021, p. 292)

Para que aconteça essa implementação, o professor ou a professora de Filosofia deve ter ciência de que o aluno ou aluna não é mero ouvinte e o papel da filosofia não é fechar-se em si. Filosofia é movimento constante de retorno às contribuições teóricas dos filósofos, mas de criticidade, desconstrução crítica e dialética, isso porque a história e as relações são mutáveis e renovadas. Subentende-se, então, que esteja e seja ela um espaço aberto construção crítica e autônoma do aluno, compreendida pelo professor ou professora em sala de aula como o fazer dialógico e a elucidar o protagonismo do discente.

Como construção de saberes e consciência crítica a partir da prática filosófica em sala de aula orientadas pelos eixos, também se espera dos alunos o que cabem às aprendizagens. Algumas expectativas de aprendizagens levantadas, tanto pelos Parâmetros Curriculares para a Educação Básica de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de Filosofia e Sociologia – Ensino Médio (2013) como pelo novo Currículo de Pernambuco (2021), como a compreensão dos valores na formação identitária; a relação da cultura com a formação dos valores; a distinção entre ética e moral; a compreensão da alteridade; a alteridade como constituinte para as práticas sociais entre outros que sempre estão direcionando à alteridade e sua compreensão.

Para fundamentar o estudo sobre a ética da alteridade, o filósofo franco-lituano, Emmanuel Lévinas em sua obra “Entre nós: Ensaio sobre a alteridade” (1997) trata de uma filosofia em que a ética só existe quando há a intersubjetividade. Qual a importância do outro? O que a existência do outro implica no agir pessoal? Ao se falar de ética pressupõe a existência e contato de pelo menos duas pessoas. Para isso, o autor trata da subjetividade, mas não como tratara Heidegger e sim no contexto da intersubjetividade, do contato com o outro.

Sobre intersubjetividade, apresenta Miranda (2008) que trata do “eu” presente na filosofia moderna, especialmente em Descartes e Kant quando definem o princípio da subjetividade. Lévinas supera essa compreensão ao querer mostrar que esse “eu” existe enquanto um lugar de atuação, lugar que aponta para outro ser e assim surge a ética da intersubjetividade. Miranda, em



seu artigo, ainda apresenta sobre a alteridade na educação, como sendo ela o lugar da responsabilidade, do diálogo e da hospitalidade.

Gallo (2008), em seu artigo sobre “Eu, o outro e tantos outros”, faz uma abordagem sobre a alteridade no que diz respeito a relação dependente de contato em sala de aula, professor e aluno, e aluno; e Zanon (2020) faz uma reflexão sobre a ética da alteridade como princípio para a responsabilidade ética.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alteridade é uma temática de destaque nas propostas didático-pedagógicas do Currículo de Pernambuco. A escola e sala de aula como um espaço interativo e de múltiplos contatos e culturas, é o ambiente em que se identifica a existência, identidade e autoafirmação de vários “eu”; a finalidade de se pensar na temática da alteridade faz perceber para além da identidade dos sujeitos, a existência e aceitabilidade dos vários “outros”.

É importante dizer que das implicações éticas que fala Lévinas ao que confere à alteridade, sugerem reflexões acentuadas sobre as questões da liberdade e da responsabilidade e a questão da autonomia. Aqui, enfatiza-se uma autonomia que descende da responsabilidade e responsabilização do “eu” para com os outros, e nessa responsabilidade o entendimento de que o “eu” é responsável e faz algo porque pensar nos outros antes de si seria também pensar em si diante do coletivo, do nós; em outras palavras, as ações que são feitas aos outros voltam para si.

A escola ou sala de aula tem de ser um ambiente integrado e integrador. Valores e princípios que norteiam a vida em harmonia do contraste diversificado de identidades, culturas e ideias, são primordiais para que se estabeleçam condições favoráveis a práticas comuns de alteridade; especialmente, na elaboração e implementação das atividades dos componentes curriculares das ciências humanas, por excelência, que viabilizam através dos debates, conversas, problematizações e teorias a construção cognitiva e prática de sujeitos capazes de uma sociedade ética, democrática, igualitária e sustentável.

O novo Currículo é um ideal pensado a partir das orientações do novo ensino médio. Depois da nova configuração do novo Currículo de Pernambuco, mediada pelas competências das Diretrizes Curriculares do Novo Ensino Médio e Base Nacional Comum Curricular, tende a traçar como competências e habilidades pelos alunos sempre práticas direcionadas para a vida integral,

ao que contempla e tem a ver com práticas que correspondam ao conhecimento, identidade, respeito e responsabilidade com o outro.

Por ser uma temática de discussão na filosofia e por ser a linha de pesquisa e atuação das ciências humanas em questão, compete à filosofia trabalhar questões de aproximação à história da filosofia e seus filósofos. A alteridade é um conceito que tem autoria e preocupação filosófica, pois, com o filósofo contemporâneo, Emanuel Lévinas, sua compreensão perpassa pela identidade, reconhecimento e percepção transcendental do outro. O outro existe e é para além do olhar subjetivo, portanto, para além, do “eu”.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Tradução: Alfredo Bosi. Martins, 2007, pp. 34.

ARAÚJO, Marília de Freitas. Lévinas: **Fundamentos para uma filosofia da alteridade**. Paraíba: UEPB, 2014.

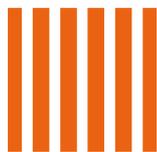
GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2008. p. 1-16.

JÚNIOR, Alfredo Boulos; ADÃO, Edilson et al. **Ciências Humanas: Populações, Territórios e Fronteiras**. São Paulo: FTD, 2020.

HUTCHENS, B. C. **Compreender Lévinas**. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: Ensaio sobre a alteridade**. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (Coordenador). Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MIRANDA, José Valdinei Albuquerque. **Ética da alteridade e educação**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



NASCIMENTO; Christian Lindberg Lopes et al. filosofia e ética na bncc: a possibilidade de escolha como princípio da prática pedagógica. **V Encontro Nacional Anpof Educação Básica: a filosofia e o seu ensino**. Rio de Janeiro: NEFI, 2023, pp. 75-79.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino médio**. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife: Secretaria, 2021.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de Filosofia e Sociologia – Ensino Médio**. Secretaria de Educação, CAEd Faculdade de Educação, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, 2013.

VICENTINO, Cláudio; CAMPOS; Eduardo et AL. **DIÁLOGOS EM CIÊNCIAS HUMANAS**. São Paulo: Ática, 2020.

ZANON, Andrei. O princípio da alteridade de Lévinas como fundamento para a responsabilidade ética. **Revista Perseitas**, v. 8, p. 75-103, 2020.

